

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE FILOSOFIA**

**LUCAS RODRIGUES DOS SANTOS**

**AMOR DESINTERESSADO – CONSIDERAÇÕES DA II SÉRIE DO LIVRO AS  
OBRAS DO AMOR**

**CAMPINAS**

**2021**

**LUCAS RODRIGUES DOS SANTOS**

**AMOR DESINTERESSADO – CONSIDERAÇÕES DA II SÉRIE DO LIVRO AS  
OBRAS DO AMOR**

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Marcos José Alves Lisboa, para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia.

**CAMPINAS**

**2021**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS**

**FACULDADE DE FILOSOFIA**

**LUCAS RODRIGUES DOS SANTOS**

**AMOR DESINTERESSADO – CONSIDERAÇÕES DA II SÉRIE DO LIVRO AS  
OBRAS DO AMOR.**

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito final para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Marcos José Alves Lisboa.

Julgado e aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Considerações

---

Prof. Dr. Marcos José Alves Lisboa  
Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Orientador

**CAMPINAS**

**2021**

Dedico este trabalho a Santa Dulce dos Pobres, como agradecimento de tantas graças alcançadas durante estes tempos difíceis de Pandemia do COVID-19 e também pelo seu auxílio e intercessão com a escrita desta monografia, assim como a São José e a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria.

## **AGRADECIMENTOS**

Nestes tempos de Pandemia do COVID-19 mediante a tantas perdas e confusões em todo o mundo, nunca me vi tão apaixonado pela vida ao escrever esta monografia. Por isso, agradeço a Deus, que por sua bondade e misericórdia sempre preservou a minha família e a mim, ainda mais nestes últimos tempos. Aos meus avós, (Benedito Sebastião de Moraes e Maria Aparecida da Silva Moraes) que são meus pais de criação, minha eterna gratidão, oração e genuíno amor.

Agradeço a Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo, que como uma boa mãe me acolheu e vem me formando na porção do rebanho da Diocese de Bragança Paulista, que me ensina cada dia mais o caminho da proximidade e da fraternidade. Agradeço especialmente a pessoa do Padre José Antônio Boareto, meu formador e quem me apresentou a obra aqui refletida.

Por fim, agradeço, a todos os meus amigos, estes que Deus me presenteou com sua delicadeza e cuidado, não consigo nomear a todos pelos quais são na minha vida um caminho de eternidade; mas em especial gratidão a Renato Martinez, que sempre me motivou neste caminho. Ao lado dos meus amigos e da minha família pude conhecer um pouco das obras do amor, vi seus frutos edificarem na minha vida.

"Tudo seria melhor se houvesse mais amor"

Santa Dulce dos Pobres

## RESUMO

O amor desinteressado, a partir das “Obras do Amor”, será uma resposta de como identificar ou melhor dizendo, descrever exatamente o que é o amor: o filósofo dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard procura expor sobre amor, a partir de suas obras. O Amor desinteressado é aquele que edifica, e quando pensamos nesta palavra edificar, requer muito cuidado, assim é refletido pelo pensador. Edificar é construir a partir das fundações, mas não simplesmente construir como uma construção civil, mas sim do interior, na profundidade. Para melhor explanar sobre o filósofo recorre a carta de Paulo a Coríntios (1Cor 13) para explicar as “determinações precisas sobre como o amor se comporta ao edificar”; Paulo apóstolo expõe um “amor que é paciente”, “amor que tudo suporta”, que não guarda “rancor”, que “não busca seu próprio interesse”, que “não se alegra com a injustiça”, de um “amor que tolera tudo”, que “espera tudo” e que “não se infla, ele não usa de precipitação, ele não se irrita”. Como alguém que não tem interesse algum, por mais difícil que aparenta ser, existe, é o amor, e assim ele é edificante, mas edificar não é simplesmente construir, já que qualquer um pode construir, a “edificação é exclusivamente do amor”. O filósofo também entra no tema do ateísmo, como aquele que não crê, aquele que não crê em absolutamente em nada, se torna limitado, e querendo ou não, acaba acreditando no mal e por consequência se tendência ao mal, “pois o bem é objeto da fé”. Kierkegaard fala do desconfiado, que é o oposto do amoroso, que não possui o equilíbrio do saber, e que mancha o saber, e por não crer se torna mal, por não crendo, acaba crendo que tudo é mau, se aproximando da inveja, da corrupção, da malícia, consequências do mal.

**Palavras-chave:** Amor. Saber. Fé. Desconfiado. Amoroso. Edificar. Desinteressado.

## ABSTRACT

The disinterested love, from the "Works of Love", will be an answer of how to identify or better saying, describe exactly what love is: the Danish philosopher Soren Aabye Kierkegaard seeks to expose about love, from his works. Disinterested Love is the one that builds, and when we think of this word to build, it requires great care, so it is reflected by the thinker. To build is to build from the foundations, but not simply to build as a construction, but to build from the inside, in depth. To better explain about the philosopher, he uses Paul's letter to Corinthians (1 Cor. 13) to explain the "precise determinations about how love behaves when building"; Paul the apostle exposes a "love that is patient", "love that endures everything", which does not hold "grudge", that "does not seek its own interest", that "does not rejoice in injustice", of a "love that tolerates everything", that "expects everything" and that "does not inflate, it does not use of precipitation, it does not get angry". As someone who has no interest whatsoever, however difficult it seems to be, there is love, and so it is uplifting, but building is not simply building, since anyone can build, "edification is exclusively of love". The philosopher also enters the theme of atheism, as the one who does not believe, the one who does not believe in anything, becomes limited, and wants to or not, ends up believing in evil and consequently is tendency to evil, "for good is the object of faith". Kierkegaard speaks of the distrustful, which is the opposite of the loving, who lacks the balance of knowledge, and who tarnishes knowledge, and by not believing becomes evil, by not believing, ends up believing that everything is evil, approaching envy, corruption, malice, consequences of evil.

**Keywords:** Love. Know. Faith. Suspicious. Loving. Build. Uninterested.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1. PERCURSO HISTÓRICO.....</b>	<b>13</b>
I.    Questões Preliminares.....	13
II.   Origem: Vida e Morte.....	13
III.  Contexto religioso histórico.....	17
IV.  Outros históricos da vida.....	19
V.    Contexto filosófico.....	19
VI.  Considerações importantes.....	22
VII. Breves considerações - Obras do Amor.....	23
<b>CAPÍTULO 2. AS OBRAS DO AMOR.....</b>	<b>25</b>
I.    Objetivos do capítulo.....	25
II.   Hino da Caridade.....	25
III.  Amor.....	26
IV.  Necessidade de amor.....	29
V.    Frutos do amor.....	30
VI.  Primeiras considerações do amor desinteressado.....	31
<b>CAPÍTULO 3. O AMOR DESINTERESSADO.....</b>	<b>35</b>
I.    Objetivos do capítulo.....	35
II.   Construir e edificar.....	35
III.  O Amor que edifica.....	36
IV.  Amor que é paciente.....	39
V.    Amor que tudo crê.....	41
VI.  O Amor espera tudo e jamais é iludido.....	44
VII. A Misericórdia.....	46
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

Lançar um olhar sobre o amor e suas obras não é um tema comum para a filosofia, porém o grande filósofo dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard, quebra todos os temas costumeiros do seu tempo e nos apresenta um verdadeiro almanaque de como realmente ser um ser humano de verdade, ou melhor dizendo, um amoroso.

Este célebre filósofo do século XIX, grande crítico da religião oficial de seu país, apresenta nestes discursos cristãos os verdadeiros significados da existência humana e do seu sentido e sua vivência.

Kierkegaard não fala sobre o amor, do que ele é ou não é, mas sim, de suas obras, de suas inspirações. São nada mais do que considerações sobre “as obras do amor”, em formas de discurso, destacou-se, suas obras e nada mais, seguindo os escritos da II Série do Livro As Obras do Amor do filósofo cristão dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard.

“O que é o amor? Amor é pressupor amor; ter amor é pressupor amor nos outros; ser amoroso é pressupor que os outros sejam amorosos”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 254)

O filósofo enfatiza que o amor só pode ser respondido pelas suas obras e nada mais. As palavras mais belas e sábias não são capazes de descrever o que realmente é o amor, a não ser na simplicidade e sutileza das suas obras, que no decorrer desta monografia chamaremos de frutos.

Na obra “As obras do Amor” Kierkegaard apresenta os valores de uma pessoa amorosa, que está sempre disposta a amar, sem interesse, que é sábia e reconhece e consegue encontrar no outro o que há de melhor, mas que também consegue reconhecer aquele que é por contrário um demolidor ou desconfiado, que sempre age por interesse, mas mesmo assim, ama sem distinção alguma da mesma forma.

“O amor não é uma qualidade dada por ela mesma, mas uma qualidade pela qual (ou na qual) tu és para outros. Na conversão diária, decerto, ao enumerar as qualidades de alguém, dizemos que ele é sábio, razoável, amoroso – e não notamos a diferença

que separa esta última qualidade das precedentes”.  
(KIERKEGAARD, 2013, p. 255)

O amor citado nesta série do livro não é de pertença de qualquer religião, conto romântico, ou até mesmo o amor apaixonado, mas pelo contrário, são daqueles que buscam o bem comum e possuem um olhar sensível e um interior aberto e atento para tudo o que acontece à sua volta.

Analisando a primeira epístola de Paulo aos Coríntios<sup>1</sup> o filósofo medita os verbos compostos no corpo do capítulo no decorrer dos versículos da sagrada escritura, recordando os maiores valores evangélicos, e estudando o que seria o maior de todos os dons.

“Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade”.<sup>2</sup>  
(1 Coríntios 13, 13)

O amor em forma de obras, não é o amor fruto de uma carência afetiva, não, da carência não nasce o amor, pois a carência pensa em apagar para o seu bem estar próprio, proveitoso, apaixonado, portanto não passa de uma paixão, longe do amor desinteressado que aqui é apresentado.

O amor desinteressado pode ser comparado com o amor de mãe, aquele amor puro, que cuida e protege, aquele que jamais se engana, que não é iludido, e ainda mais é grandioso, é misericordioso.

Nos discursos do amor, o que vale não são as palavras ditas, escritas, muito menos as belas poesias ou canções, nos discursos do amor o que prevalece é o que ultrapassa a finitude, o que leva para a eternidade, o que aproxima a humanidade do homem com a superioridade divina.

“Contudo, um tal discurso, a rigor, não passa de uma fachada pintada, ele é, a uma verificação mais próxima e mais séria, um engano, dado que tem de lisonjear o ouvinte ou escarnecer dele”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 209)

---

<sup>1</sup> Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 13 nos versículos de 1 à 13. (BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002).

<sup>2</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

Os discursos do amor, são as suas obras, que frutificam da árvore do amor, esta que é cultivada por todos aqueles que são capazes de ser espíritos livres e abertos, que com os olhos grandes e repletos da luz do amor, conseguem manifestar nas ações mais comuns e corriqueiras do dia a dia o fruto da eternidade do amor.

É necessário ter o coração aberto e deixar-se formar na escola do amor, somente assim será capaz de produzir esses frutos verdadeiros que serão aqui apresentados no decorrer desta monografia, somente assim será capaz de edificar nos corações da humanidade a projeção de um mundo melhor.

## 1. PERCURSO HISTÓRICO

### I. Questões Preliminares

No decorrer da história, a filosofia com toda sua bagagem vem depositando sua rica herança para as gerações, contribuídas a partir de seus pensadores em uma verdadeira busca pela verdade, de forma incessante, mesmo muitas vezes esgotando-se as resposta, e uma intensa transformação nas questões temporais e atemporais. Neste capítulo proemial é destinado a um breve e panorâmico percurso histórico da vida de Soren Aabye Kierkegaard (1813 – 1855), culminando na introdução básica da obra aqui apresentada e também da segunda série da obra, em que será aprofundado. Assim descrevendo a contribuição do pensador para a filosofia.

Neste primeiro capítulo, discorro brevemente a história deste grande filósofo, buscando compreender como era seu pensamento filosófico e sua profissão e vivência de sua crença, e de alguma forma como isso influenciou nos Discursos das Obras do Amor. Sendo assim, apresentou pontos de sua vida, o contexto religioso e histórico, além de uma enxuta apresentação e os primeiros pontos para a introdução do segundo capítulo.

### II. Origem: Vida e morte.

Confrontando o mundo sob um olhar sensível pietista<sup>3</sup> e protestante, ao mesmo tempo sob uma ótica romântica e uma filosofia idealista, com um tanto de peso em Hegel, Soren Kierkegaard defensor do indivíduo e opositor da Igreja oficial da Dinamarca constrói seu pensamento sensível e filosófico.

Kierkegaard vem de uma família de Seading, oeste da Jutlândia, uma pequena aldeia, seu pai recebera uma educação religiosa austera onde o centro era o Cristo padecente, crucificado, morrendo na cruz, ao invés do Cristo glorioso

---

<sup>3</sup> O Pietismo foi uma vertente do protestantismo luterano do século XVII na Alemanha que se espalhou por diversos países, arraigando a Dinamarca, como um cristianismo fervoroso com uma prática moral radical, um novo ar para o luteranismo, com uma prática de fé profunda, sentido no contato direto com Deus.

e ressuscitado. E o povo pecador repetia o escândalo da condenação de Cristo, e assim Kierkegaard é educado desde sua infância.

Uma educação que acreditava que a verdade sujeitava-se ao sofrimento na severidade e radicalidade religiosa protestante local. Um Cristo que foi abandonado por todos, inclusive pelos seus próximos, os apóstolos. Um cristianismo ferido, radical, pietista e severo.

De uma família de sete filhos, sendo o último, o mais novo dos irmãos, nasceu no dia 5 de maio de 1813 em Copenhague, sendo filho de Ane Sorensdatter (1837) que jamais foi mencionada nas publicações do pensador e de Michael Pederson<sup>4</sup> (1756-1838) que ao contrário da mãe, foi mencionado, ele foi pastor nos campos de Jutlândia e posteriormente grande comerciante de tecidos na capital, que proporcionou uma vida confortável a sua família, porém austera por conta da religiosidade.

Soren foi apresentado por seu pai ao Jakob Peter Mynster (1854), que futuramente tornara arcebispo, e que encontrou diversas vezes, pensando em um futuro na carreira eclesiástica. Após seus estudos no colégio, ingressou na Faculdade de Teologia de Copenhague, que se formou em 1841, com o título de “Magister”.

No ano de 1838, ano do falecimento de seu pai (Michael Pederson), pública: *Dos papéis de alguém ainda vivo*. Um volume crítico sobre o livro de seu contemporâneo Hans Christian Andersen. Soren exprime sua opinião dizendo que o romance autobiográfico do escritor não continha nenhuma percepção sobre a vida, e assim como o protagonista da obra morre o próprio autor morre junto.

Kierkegaard tornara noivo de Regine Olsen, em 8 de setembro de 1840, mas que aos 11 de outubro do ano seguinte romperia, uma história que aparece

---

<sup>4</sup> Cuidou da formação escolástica e religiosa dos filhos, particularmente de Soren e do irmão mais velho Peter Christian (que depois seguiria carreira universitária e eclesiástica). (REGINA; UMBERTO, 2016, p.9)

em duas obras como: *Enten - Eller* (1843)<sup>5</sup> e *A repetição* (1843)<sup>6</sup>, e posteriormente como documentação biográfica: *As etapas no caminho da vida* (1845).

Desde o início do noivado, Soren acreditava que seu projeto de vida era incompatível com o casamento e em um de seus escritos cita a culpa de ter feito Regine Olsen se apaixonar por ele.

Após o término do noivado, Kierkegaard parte para Berlim, no qual fica por cinco meses e após este tempo retorna a Copenhague, após ter juntado um grande acervo filosófico. Assim no ano de 1843 conseguindo publicar *Enten – Eller, A repetição; Temor e tremor*<sup>7</sup>; *Discursos edificantes*<sup>8</sup>.

No ano de 1835 Soren decide dedicar-se à pesquisa, um estudo sobre a verdade, “a verdade para mim”, como uma forma de benefício próprio, por uma causa que para ela valha realmente a pena viver ou morrer, que posteriormente o próprio escreve em *Enten – Eller*: “Apenas a verdade que edifica é a verdade para ti”.

Em 1838 Kierkegaard sofreu duas grandes perdas, a morte de seu professor e amigo P.M. Moller no mês de março e de seu pai no mês de agosto, um tempo no qual sofre um grande “terremoto”<sup>9</sup>, como assim o chama a crise espiritual que o transforma, além da herança que recebe de seu falecido pai.

---

<sup>5</sup> A obra, de cerca de oitocentas páginas estampadas com caracteres pequenos e em dois volumes, saiu no dia 20 de fevereiro de 1843, suscitando muito estupor, e logo se tornou objeto de muitas críticas, algumas extensas. Aparecia apenas o nome do editor: o pseudônimo Victor Eremita. (REGINA; UMBERTO, 2017, p.20)

<sup>6</sup> Em a repetição, Constantin Constantius age tanto como pseudônimo quanto como coprotagonista, enquanto “confidente” das dores de amor de um jovem poeta destinatário de suas cartas, mas sobretudo como cobaia de si mesmo no que concerne à possibilidade existencial de fazer a experiência da “repetição”, ou seja, da possibilidade, para o existente, de continuar a ser ele mesmo, apesar de a existência parecer exigir que ele se torne, a cada momento, diferente do que era um instante atrás e será um instante depois. (REGINA; UMBERTO, 2017, p.64)

<sup>7</sup> Temor e tremor: tendo por tema a história de Abraão, citado no livro do Gênesis, capítulo 22, nos versículos de 1-14. Um Deus que pede a um crente o sacrifício de seu próprio filho.

<sup>8</sup> A obra consiste em uma primeira e uma segunda série de discursos, respectivamente cinco e dez. Em cada um destes, o título e o tema são tirados do Novo Testamento, não com intenções exegéticas, mas para valorizar a própria força que a filosofia pode tirar dali para se alçar, no conhecimento das possibilidades humanas, as zonas mais profundas e mais altas do amor ao indivíduo [singolo] a Deus e aos outros. (REGINA; UMBERTO, 2017, p.131).

<sup>9</sup> “Terremoto”: Os acontecimentos decisivos que marcarão a personalidade de Soren Kierkegaard têm todos relação com seu pai, Michael Pederson Kierkegaard – da mão, ele nunca falou. (LE BLANC; CHARLES, 2003, p.30)

Com seu pensamento existencial sobre a verdade entrou de uma certa forma em conflito com as pessoas ao seu redor, com a Igreja local, e “com todas as estabilidades que tratam de verdades objetivas”. Ao mesmo tempo notou como o “singolo”<sup>10</sup> se deixa distrair facilmente e deixa-se esquecer do que é mais humano, que é a existência, deixando de lado e de dar atenção devida dos momentos da própria vida, e perante Deus. Mas o filósofo possuía grande apreço pelas pessoas, ele as amava, quando não se reduziam a grande “massa”<sup>11</sup>, assim também como a Igreja, que ele colocava fé e amor principalmente em seus atos militantes.

Soren Kierkegaard luta contra o Sistema – não existe sistema da existência -; contra o idealismo – a existência não é redutível ao pensamento sobre a existência -; enfim, contra o panteísmo – Deus não se confunde com o Espírito de Hegel (1170 – 1831) e não é o ponto de remate do desenvolvimento dialético da ideia filosófica. (LE BLANC; CHARLES, 2003, p.14)

No ano de 1847 assina em Copenhague a publicação “As Obras do Amor – Algumas considerações cristãs em forma de discursos” no qual distribui-se em duas séries, sendo a primeira uma grande análise sobre o mandamento do amor ao próximo, e a segunda o amor ao próximo, tomando como base e referência o “hino a caridade”<sup>12</sup>.

No final de sua vida, em 1855 o filósofo entra em um intenso conflito com a Igreja dinamarquesa, ano que publica um panfleto, totalmente bancado de seu bolso “Oieblikket”<sup>13</sup>.

O *Instante*, escrito inteiramente por ele, em que dois bispos, e com eles todos os pastores dinamarqueses, eram acusados de ter introduzido na Dinamarca um novo paganismo: aquele de afirmar que todos são cristãos, e que, portanto, o “tornar-se cristão” é uma tarefa a ser arquivada. A revista provocou furor e foi um sucesso de vendas. (REGINA; HUMBERTO, 2017, p.13)

---

Essa “terremoto” foi um acontecimento capital da vida de Kierkegaard, e a crítica divide-se a este respeito. (LE BLANC; CHARLES, 2003, p.33)

<sup>10</sup> Singolo: toda vez que é referido ao indivíduo e suas variações derivadas do italiano.

<sup>11</sup> Massa: grande público, número de pessoas.

<sup>12</sup> Hino a caridade: Primeira epístola de Paulo aos Coríntios, citado no capítulo 13, versículos 1-13.

<sup>13</sup> “Oieblikket” - O Instante.

Em 2 de novembro do mesmo ano perdeu os sentidos em uma rua de Copenhague, e em 11 do mesmo mês faleceu em um hospital completamente arruinado se recusando à comunhão.

### III. Contexto religioso histórico

A Dinamarca faz parte da região denominada Escandinávia<sup>14</sup>, que abrange outros países como: Noruega e Suécia; porém a Dinamarca faz fronteira unicamente com a Alemanha, e até o século XIX foi província da mesma. Sendo assim, a Dinamarca sofreu grande interferência alemã nos campos da cultura e da religiosidade no decorrer da história.

No reinado de Cipriano II (1513 -1523) a Dinamarca foi terra de expansão do movimento protestante que nasceu na Alemanha, uma aliança forte entre a Igreja e a nobreza dinamarquesa, como uma oportunidade de crescimento da influência e prestígio do rei. Em uma aliança conturbada e posteriormente um rompimento interno na Igreja, é criado de forma não oficial a Igreja Nacional Dinamarquesa.

Com o sucessor de Cipriano II, sendo Cipriano III (1503 – 1559) foi reorganizada a igreja, no qual tornou ela uma Igreja nacional reformada e luterana, tendo como cargo hierárquico máximo, o rei. Assim difundindo ainda mais o seu poder e suas possessões em todo o território.

Com isso a Igreja se transformou como uma “empresa”, sendo o baixo e alto clero nacionalizados como funcionários, que eram remunerados pelo estado. Resultando com candidatos para o trabalho religioso com vocações incertas e duvidosas para o serviço a igreja, assim acreditava Kierkegaard.

Soren como um grande crítico da igreja local, tem sua base religiosa pietista, baseada e procedente a reforma protestante de Martinho Lutero (1483-1546), aquele que rompeu, criticou e polemizou o catolicismo da época.

O catolicismo havia rompido irremediavelmente com suas origens, congelara-se em uma fé que deixara de ter vida, impregnara-se de uma

---

<sup>14</sup> Escandinávia: Região geográfica, cultural, linguística e política do norte da Europa, sendo assim, no ponto de vista geopolítico, é denominada como países nórdicos.

teologia dogmática e de uma concepção do cristianismo na qual o ato tinha mais importância que a fé. (LE BLANC; CHARLES, 2003, p.18)

Em contraponto com uma reforma protagonizada por Lutero deu expressão de autenticidade a religião, com uma teologia baseada em três princípios: a *justificação pela fé*, ou seja, o homem é pecador e nada pode tirar isso dele, grande crítica as famosas indulgências<sup>15</sup>; *teologia da cruz*, sendo o sacrifício o único meio de salvação; “*sola Scriptura*”<sup>16</sup>, constituindo as Escrituras Sagradas como única normativa da doutrina da fé.

Assim, toda produção de Soren Kierkegaard tem base no cristianismo reformado que formulou toda sua compreensão religiosa, que também neste cristianismo reformado encontrou os temas fundamentais para toda sua filosofia, e não o cristianismo católico.

No século XVIII a Dinamarca foi marcada drasticamente pela guerra, esta que foi destruída pela Suécia, na qual perdeu, sendo assim o pietismo protestante difundiu-se de forma ainda mais crescente.

Kierkegaard, vindo de uma família de confissão cristã reformada, foi severamente educado na fé, na moral de uma austera comunidade luterana. O filósofo em um de seus diários também escreve sobre o clima de sua casa e a criação de seu pai que exigia “obediência absoluta” por parte de seus filhos.

“Um ambiente sombrio, que desde o princípio foi parte da minha vida”, lembrando-se do “terror com que meu pai preenchia minha alma; sua própria melancolia assustadora e tudo o mais relacionado a isso que não chego a escrever”. (GARDINER; PATRICK, 1988, p.11)

Com todo este histórico familiar, cultural e social o filósofo baseia-se na fé que leva ao conhecimento do homem interior, e essa fé é estimulada pelo sofrimento, sendo assim, a vocação do cristão é o sofrimento, e toda essa concepção teve sua parcela na filosofia de Kierkegaard<sup>17</sup>. Assim rompendo-se com a Igreja dinamarquesa e crendo que o cristianismo é vivido na interioridade e em oposição ao mundo.

---

<sup>15</sup> Indulgências: uma possibilidade de obter alívio ou diminuição das penas temporais ocasionados pelo pecado, mediante um pagamento.

<sup>16</sup> “Sola Scriptura” Somente as Escrituras, somente as Sagradas Escrituras são fundamento da fé reformada por Martinho Lutero (1483-1546).

<sup>17</sup> O feroz defensor do indivíduo, do sujeito e de sua singularidade. (LE BLANC; CHARLES, 2003, p.17)

#### **IV. Outros históricos da vida.**

A vida do filósofo em casa não foi nada fácil, porém na escola, no ambiente escolar também não foi fácil, Soren foi uma criança e um jovem desajeitado, fisicamente fraco, aparentemente indefeso, sendo uma “presa” perfeita dos “grandalhões” e fanfarrões do colégio. Mas Kierkegaard tinha consciência de sua inteligência perante os demais e o que visivelmente era indefeso, ele nada o tinha, já que obtinha o dom da oratória.

Kierkegaard facilmente conseguia se defender e afastar todos de perto, com um verdadeiro “canhão” na sua boca, conseguia diminuir apenas com a fala e sua fácil percepção dos pontos fracos de seus colegas, deixando-os em lágrimas. Assim mantinha certa distância de seus colegas e sua fama de ironia, grande característica de Soren, já se manifestava. Com essa imagem descrita por seus colegas da época, o filósofo já se nota nada atraente, porém, já destaca-se sua grande independência intelectual e seu talento para a ironia.

#### **V. Contexto filosófico.**

Soren Aabye Kierkegaard e todas as suas obras destacam um material com argumentos nada claros com premissas muitas vezes não formuladas e conclusões abertas, seus escritos apresentam ideias que contrastam com toda forma de procedimento rigoroso que era adotado por pensadores sistemáticos<sup>18</sup>, como: Descartes (1596-1650) e Espinosa (1632-1677).

O pensador também não utilizou dos temas e considerações filosóficas em alta de sua época; questões como: estrutura fundamental do universo, objetivo do conhecimento da realidade e outras considerações dos séculos XVII e XVIII.

Kierkegaard muitas vezes não foi considerado filósofo como no termo tradicional da palavra, mas considerado como um anti filósofo por sua forte

---

<sup>18</sup> Pensadores sistemáticos: ou também teóricos sistêmicos, uma abordagem que surgiu no século XX, em contraponto com o pensamento “Reduccionista-macanicista”. Ela acredita que deve ser desenvolvida em conjuntura com as artes e as tradições religiosas.

discordância com as investigações imparciais como também sua postura forte e crítica com os que dela utilizavam. Seus escritos tratavam de grande controvérsias dos filósofos de sua época, mas ia no caminho das questões e discussões relacionados com a ética, moral e religiosa na pessoa humana e todas as suas dimensões.

Muito mais do que discussões de caráter pessoal do filósofo, seus escritos apontam os desafios temporais de sua época com a ética, moral e religião (cristianismo reformado); respostas dos desafios das tendências disseminadas em sua época.

O século XIX filosófico abre-se pelo confronto e pelo diálogo do racionalismo das Luzes com o idealismo da cultura romântica. As luzes haviam constituído o principal movimento filosófico do século XVIII, tomando formas específicas segundo os países. (LE BLANC; CHARLES, 2003, p.23)

Como uma grande característica deste movimento é a confiança na razão, de forma quase ilimitada e grande crítica ao obscurantismo das concepções antigas, sendo assim ficando por cargo da razão a autonomia do pensamento e a liberdade nos assuntos diversos, como: na moral, na ciência, na política e na religião.

A orientação do pensamento e a busca pela razão, é derivada de Immanuel Kant (1724-1804), independente da visão de Kierkegaard, a filosofia da época era toda voltada nas questões e problemas do seu tempo. Sendo ele mesmo concordante a teoria do acordo entre as conquistas das ciências naturais e a exploração do mundo físico.

A Dinamarca como região da Escandinávia sofreu grande influência da Alemanha que é influenciada pelo “Aufklärung”<sup>19</sup>.

Para as luzes, portanto, a razão era uma força finita capaz, nos limites de suas possibilidades, de afrontar o mundo e transformá-lo, mas uma força que, por não ser onipotente, se deparava, em sua atividade, com o mundo e com as coisas em si que não podia de fato alcançar. (LE BLANC; CHARLES, 2003, p.24)

---

<sup>19</sup> “Aufklärung”, também conhecido como Iluminismo, movimento cultural europeu que perdurou pelos séculos XVII e XVIII que buscavam transformações sociais, políticas e econômicas, também conhecido como século das luzes.

O filósofo dinamarquês ao citar a parcela de infinito de que o eu se compõe associa-se ao romantismo daquele tempo. Quando é dito infinito, há duas maneiras para se entender, sendo entendido por uma *razão absoluta*, sendo um movimento de espírito que rigorosamente avança sobre uma ideia, tendo como filosofia conhecida como *idealismo romântico*, tendo como pensadores: Hegel (1770- 1831) e Schelling (1775-1854).

Por fim, a outra maneira define o infinito como sentimento, de forma que exterioriza-se pelas ações humanas, como a arte e a religião; como pensadores desta segunda maneira: Novalis (1772-1801), Friedrich Schlegel (1772-1829) e o filósofo Friedrich Schleiermacher (1768-1834). E é neste romantismo que Kierkegaard é herdeiro em sua análise estética.

Com essa ideia do romantismo, apresentando o infinito como sentimento, liga de forma intrínseca e radical a ligação entre Deus e o homem, além da compreensão de transcendência infinita.

Uma forte característica do romantismo é a ironia, na qual virou característica particular de Kierkegaard e tem um "*papel de primeiro plano*"<sup>20</sup> em sua obra.

O autor que iniciou sua produção com a tese Sobre o Conceito de ironia, constantemente referido a Sócrates, Kierkegaard sabe que a ironia, início de qualquer vida que mereça ser chamada de humana, supõe uma distância entre a intenção e o gesto, entre a opinião (sentido ou significado) e o dito (a proposição). Os enunciados irônicos apresentam uma flexibilidade mental que o magister chamava de elasticidade. (VALLS; ÁLVARO, 2013, p.11)

Para este romantismo o finito é uma grande obra de arte, é de certa forma o aparecimento do infinito. A iconografia de Deus, que é um objeto finito que representa fisicamente o conceito de infinito, independentemente de qualquer representação física de Deus, sendo assim, uma característica do infinito ter uma infinidade de manifestações. E a ironia é esse aspecto intelectual que leva tudo isso em consideração.

O romantismo não foi apenas uma manifestação na filosofia e na literatura, mas em todos os campos da sociedade, desde a arquitetura e arte, como na moda, na linguagem e suas expressões. Nos meados de 1830, as

---

<sup>20</sup> (BLANC; CHARLES, 2003, p.25)

indagações entre filosofia e teologia são ainda mais sentidas, já que o romantismo se fixa no sentimento religioso, e é esse espírito romântico que sustenta o ser humano.

## VI. Considerações importantes.

Como pedra fundamental da construção filosófica de Soren Kierkegaard está o conceito de *possibilidade*.

O “possível” de Kierkegaard não remete a um juízo sobre o advir das coisas ou o sobrevir de um estado de coisas, mas caracteriza o *existir* do homem. A vida não é apenas *bios*, que tem seu movimento próprio do nascimento à morte. A vida do homem é *existência*, é relação com o mundo e com os outros; é preocupação com sua sobrevivência, é antecipação e projeto, desenvolvimento de um programa que está se escrevendo, saída fora de *si* da vida, é essa continuidade contrariada por descontinuidades, as das escolhas que é preciso efetuar o tempo todo. (BLANC; CHARLES, 2003, p.48)

A possibilidade não é condicionada, tanto de agir ou de sofrer, o possível é uma questão metafísica do que é, e não depende das condições materiais-lógicas. “Para o homem, existir é encontrar-se sempre confrontado à multiplicidade de possibilidades<sup>21</sup>”.

A existência do homem é uma *possibilidade*<sup>22</sup>, com o ser humano o singular prevalece sobre a espécie, sendo assim, a espécie não pode decidir nada, e tudo fica por sua decisão, diferente dos animais que a espécie fala mais alto que o indivíduo, ou seja, quem decida é a espécie, fica sob a espécie a dominação do indivíduo.

Consideramos que a existência é uma possibilidade, sendo assim, a existência pessoal é uma angústia, como a individualidade do homem é um aspecto fundamental, é dito que sua dimensão principal é a angústia<sup>23</sup>. Diante

---

<sup>21</sup> (BLANC; CHARLES, 2003, p.49)

<sup>22</sup> A possibilidade é indeterminada, positiva ou negativa. Assim posso me casar e ficar satisfeito, ou casar-me e lamentar. A possibilidade do casamento aponta para a felicidade ou para a infelicidade do Indivíduo. Convém portanto o Indivíduo pesar, computar, calcular. (BLANC; CHARLES, 2003, p.50)

<sup>23</sup> Angústia, no sentido que lhe interessa, não deve ser confundida com emoções como medo, que possuem um objeto definido e são tipicamente direcionadas a coisas ou fatos no mundo externo; diz-se que o conceito de Kierkegaard está relacionado a “algo que é nada” e que

das escolhas do indivíduo é gerado um grande mal-estar de estar ou não estar fazendo as escolhas corretas, de lidar com o desconhecido, portanto as possibilidades geram angústia.

O existente acorda do sonho da angústia e toma consciência de si como homem, indivíduo [singolo], ao se reconhecer pecador. (REGINA; UMBERTO, 2017, p.83)

Através do pecado o homem conhece e reconhece o verdadeiro conceito da liberdade, e consegue se perceber como “espírito” e a sua abertura à transcendência, ou seja, sua relação com Deus. Kierkegaard apresenta a angústia que só pode ser sentido pela experiência do pecado, sendo assim, uma angústia que é “pressuposição” do pecado, não podendo ser explicada de forma determinista ou científica.

## VII. Breves considerações – Obras do amor.

*“As obras do amor. Algumas considerações cristãs em forma de discurso”*<sup>24</sup> consistem em duas séries de discursos tirando os títulos e os temas abordados do Novo Testamento<sup>25</sup>. Mas não com um intuito exegético ou teológico, mas sim como uma força e ferramenta da filosofia para se alcançar o conhecimento de todas as possibilidades humanas em relação ao amor a Deus e ao próximo de forma verdadeira e profunda.

Esta obra foi publicada em Copenhague, cidade do escritor, no ano de 1847, em forma de discurso, apresentando o conceito de amor, através de seus frutos, no qual chama-se de obras.

O autor elabora discursos (tal como Platão em seus diálogos) que visam a caracterizar o amor, comparando o amor cristão (em grego *ágape*, em dinamarquês *Kjerlighed*) com o amor apaixonado platônico (*eros*/

---

representa “a realidade da liberdade como possibilidade da possibilidade. (GARDINER; PATRICK, 1988, p.119)

A angústia “suspende o primado da diferença em prol da identidade; limita-se a “acessar” às diferenças entre as várias possibilidades, mas não as leva a sério, não as faz suas na “repetição”. A angústia é portanto ambígua: o existente se angustia frente ao nada, mas apenas até um certo grau. A angústia acena além de si, ao que vem antes e depois da liberdade. (REGINA; UMBERTO, 2017, p.82)

<sup>24</sup> Estas reflexões cristãs, que são fruto de muita meditação, devem ser entendidas lentamente, mas também facilmente, na medida em que certamente se tornariam muito difíceis por meio de uma leitura rápida e curiosa. (REGINA; UMBERTO, 2017, p.132)

<sup>25</sup> Novo testamento: Sagradas escrituras- bíblia cristã.

Elskov) e a amizade aristotélica (philia/Venskab). (VALLS; ÁLVARO, 2013, p.7)

Na obra, o “amor” é escrito por termos dinamarqueses, como acima citados (*Elskov* e *Kjerlighed*). O termo *Kjerlighed* é o “amor” feito ato, que vence o egoísmo, mesmo quando está sublimado pelas formas do altruísmo.

## **2. AS OBRAS DO AMOR**

### **I. Objetivos do capítulo.**

As obras do amor são as manifestações do mais puro e belo amor, neste capítulo iremos refletir como entender e como inicia o coração de um amoroso, onde está o amor e como ele se manifesta na vida, nas obras e nas ações do ser humano.

É necessário ser discutido e lido vagarosamente para melhor compreender, e isso já é um resultado daquele que será apresentado como o “amoroso”, neste capítulo não iremos trabalhar todas as obras do amor, porque é impossível nomeá-las, contá-las, já que as obras do amor são inesgotáveis, mas sim algumas de suas obras, ou como neste capítulo, iremos nomeá-las como os “frutos”.

### **II. Hino da Caridade**

Na primeira Epístola de São Paulo Apóstolo aos Coríntios, mais especificamente no capítulo 13, nos versículos de 1 a 13, o apóstolo de Cristo trata do amor fraterno, no chamado hino da caridade. O que Paulo vem chamar de dom ou o maior de todos os dons, a partir da dedicação, da entrega, da doação sem distinção de nada e de ninguém, mas como superioridade da caridade (ágape)<sup>26</sup>, que só procura fazer o bem, sem dileção, que não é passional e muito menos egoísta.

“Aspirais aos dons mais altos. Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos”<sup>27</sup>. (1 cor 12, 31)

Como na citação, o apóstolo indica um caminho de perfeição para o amor fraterno, a partir do maior de todos os dons, que é a caridade. Ele faz questão de frisar que nada adianta as riquezas ou até mesmo a inteligência ou grandes dons, se não houver o amor de nada vale. Um amor fraterno que não está ligado

---

<sup>26</sup> Ágape – vem do grego e significa amor.

<sup>27</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

com o amor para com Deus, apesar de estar presente, mas um amor que tem uma ligação com a esperança e com a fé.

Neste capítulo 13 da primeira epístola o autor das cartas utiliza de quinze verbos, que não está caracterizada de forma abstrata, mas sim, a partir do comportamento por ela suscitado.

“A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho”<sup>28</sup>. (1 Cor 13, 4)

Paulo utiliza estas três palavras: caridade, fé e esperança; considerando assim estas três disposições cristãs que age na vida da comunidade como virtudes para as condições mais difíceis. Tudo isso através do esforço com a caridade, a perseverança na esperança e a atividade na fé.

### III. O Amor

O amor deve ser acreditado, mesmo não sendo visível aos olhos, mas para isso acontecer é necessário abrir mão de tudo, e deixar-se crer, abrir mão de toda sagacidade presunçosa, de todo orgulho e toda falta de crença, e deixar-se tocar e crer no amor.

A falta de fé é uma arma que dispara contra o próprio atirador, que por medo, por inteligência, por uma busca e encontro de algo que aparentemente é verdadeiro, por ser possível de ser compreendido e explicado, conduz ao engano, e muitas vezes por precaução de ser enganado, acaba sendo baleado pelo próprio engano.

“também se é enganado ao não crer naquilo que é verdadeiro; pode-se ser enganado pela aparência ilusória, mas decerto a gente também se engana devido a sagaz ilusão, à lisonjeira presunção que se sabe totalmente protegida contra enganos”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 19)

O amor não pode ser enganado, porém o amor não protege o amoroso de se tornar uma vítima do engano humano, porém o amor sempre permanece, pois perdura eternamente, ao contrário do engano, que não perdura e que é finito. A pessoa que ama, mesmo enganada pelo seu próximo, nada perde, pois

---

<sup>28</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

ela sempre terá como base o amor sem presunção, sem interesse e que contrário do engano, que na realidade não passa de uma ilusão, pois o amor manifestou sua obra, na ação do engano e na permanência na eternidade.

O amor nada tem a perder, mesmo aparentemente enganado, nada tem perdido, diferente daquele que fez de vítima a pessoa amorosa, que arquitetou o engano, que acaba-se enganando-se na sua própria armadilha, pois nada mais é, que uma mera ilusão.

“Pois o que vincula o temporal e a eternidade, o que é, senão o amor, que justamente por isso existe antes de tudo, e permanece depois que tudo acabou”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 20)

É a partir dos frutos que se reconhece uma árvore, e com o amor também não é diferente, é a partir das obras que o amor é reconhecido e manifestado. Aquele que crê, que acredita no amor e se deixa inspirar por ele, produz obras e ações de forma involuntária, como a árvore, que alimentada pela ação da natureza, vem produzir seus frutos, que são alimento, com o amor, acontece a mesma coisa.

Assim como existe uma infinita quantidade de árvores e uma diversidade de frutos, assim também acontece com o amor e com o enganador que também é capaz de produzir seus frutos.

“Nos frutos se reconhece a árvore; acaso colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos cardos? (Mt 7,16)<sup>29</sup>; se quiseres colhê-los lá, não apenas vais trabalhar em vão, mas os espinheiros te mostrarão que colhes em vão”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 21)

Mesmo na diversidade de frutos, existem aqueles que são parecidos, porém, haverá um saudável e saboroso e outro amargo e venenoso, pode acontecer de o saboroso ser amargo e o venenoso ser saboroso, são os enganados, e o amor pode-se reconhecer a partir daí. Se nos enganamos com esses frutos, é resultado do não conhecimento do amor ou porque não sabemos distinguir corretamente seu sabor.

O amor consiste em renúncia de si mesmo, de seus interesses, da necessidade de abandonar o amor sensual próprio, e entregar-se ao amor que

---

<sup>29</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

presume amor, que não é egoísta, não é presunçoso e que este amor que tanto é dito vem do Cristianismo, a partir do maior ato de entrega, de doação e que tem em si o fruto da eternidade, um amor que ultrapassa todo grau de explicação da inteligência humana.

“Mas quando se diz que o amor é conhecido pelos seus frutos, diz-se ao mesmo tempo que o próprio amor, num certo sentido, mora no oculto, e justamente por isso só se dá a conhecer nos frutos que o revelam”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 22)

Assim como a árvore é reconhecida pelos seus frutos, igualmente é o amor e sua manifestação, que age no oculto. Como a vida de uma planta e seu desenvolvimento na natureza acontece no oculto, também ocorre com o amor; a planta se revela nas suas flores ou frutos, e o amor nas suas obras.

Mas onde está a origem do amor? Pode-se dizer que no oculto. Este oculto está no homem, um lugar que: “no mais íntimo do homem, deste lugar procede a vida do amor, pois do coração procedem a vida”<sup>30</sup>.

Neste lugar no mais íntimo do homem, está sempre oculto, por mais fundo penetre, não será visto, pois mais próximo aparentemente consiga chegar, mais distante se encontrará de seu cerne oculto. E é deste lugar que procede o amor, ele mora no ocultamento.

É um caminho, assim como a fé, que necessita do acreditar, do confiar do homem, e que se torna: “companheira de viagem no caminho da vida”<sup>31</sup>, mas que permanece no íntimo dele, como um segredo, e como um, deve se manter assim, oculto.

“é o desejo e o pedido do amor que a sua origem escondida e a sua vida oculta no mais íntimo permaneçam um segredo, que ninguém curiosa e abusadamente queira invadir importunando para ver o que afinal não pode ver, mas que com sua indiscrição bem pode pôr a perder da alegria e da bênção”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 23)

Este amor humano está fundado no amor de Deus, no seu mistério, e como um mistério não se revela, quando procurado ou buscado como uma forma

---

<sup>30</sup> (KIERKEGAARD, 2013, p. 22)

<sup>31</sup> (KIERKEGAARD, 2013, p. 23)

de desvendar, ou de curiosidade de atrevimento, o desconfiado se engana com o reflexo do que aparentemente ele acredita ter encontrado ou avistado.

“É assim que se oculta a vida do amor; mas a sua vida oculta é em si mesma movimento, e tem a eternidade em si”.  
(KIERKEGAARD, 2013, p. 24)

#### **IV. Necessidade de amor**

O amor presente no mais íntimo do homem, no insondável, tem a necessidade de ser reconhecido, a partir do seus frutos. E feliz é aquele que tem a necessidade, que é carente. O quanto é belo dizer sobre aqueles que trazem consigo a necessidade, a busca incessante e inesgotável por algo que nele muito falta, seja a moça pelo amor do amado, o religioso pela sede de Deus, ou o poeta pela escrita de suas poesias.

O carente vai em busca de saciar suas necessidades, e essa busca é pelo amor, diferente do miserável que é aquele que não reconhece em si suas necessidades e acredita ser autossuficiente, vivendo no engano.

O amor manifesta-se nos seus frutos e estes são reconhecidos no seu oculto. Mesmo escondida, sua força e beleza é tão grande, que se manifesta, mesmo em um único botão de rosa em uma grande roseira, ela será apreciada, mesmo escondida entre as folhas e os espinhos, será reconhecida e admirada.

“Ó, mártires silenciosos de um amor infeliz; decerto permaneceu um segredo o que vocês sofreram por precisarem, por um amor, manter oculto um amor”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 25)

A força do amor é manifestada nos seus frutos, isto é, nas suas obras e ações, o filósofo cita a primeira epístola do apóstolo João:

“Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade”.<sup>32</sup> (1Jo 3,18)

Aquele que ama não necessita de dom da oratória para demonstrar seu amor, sua entrega e dedicação, mas é facilmente reconhecido por todos, por seus méritos e por suas ações, que manifestam o bem comum. O amor não pode ser reconhecido, de forma alguma, a partir das belas palavras. Pois tudo isso passa, é esquecido, é envelhecido, porém, o sabor do fruto verdadeiro, das suas

---

<sup>32</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

obras é recordado e se manifesta eternamente, seja na memória daquele que foi agraciado, amado, ou nas lembranças do tempo e da eternidade.

## V. Os Frutos do Amor

Assim como uma planta precisa ser cultivada, cuidada para que ela gere frutos ou flores, assim também acontece com a pessoa humana, deve ser formada como o filósofo diz: “formar o coração” (2013, p.27). O amor deriva do coração, pois assim deve ser cultivado lá dentro, e a partir desta árvore cultivada, que será possível reconhecer os mais belos frutos.

“Assim também se tem de dizer do amor de uma pessoa: para que realmente produza fruto, e também seja reconhecível pelos frutos, primeiro tem de formar o coração”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 27)

O poder do eterno sobre o homem é tão grande que promove no coração dele a semente, o cultivo do amor forma seu coração. E assim como oculto ele se manifesta, e tem a necessidade de ser acreditado, também não pode ser visto, além de que não há palavra que ressoa da boca humana, que prove que nela há amor.

Os frutos do amor que são gerados a partir dos corações transformados, não manifestam-se nas palavras, sejam elas as mais sagradas, puras e belas, elas não manifestam-se e não asseguram-se de que nelas exista o amor.

Nas obras do amor, só podem ser provados que elas são provenientes verdadeiramente, a partir do como são realizadas, as obras do amor e da caridade podem ser realizadas pelos corações mais egoístas. É possível visitar um doente, dar de comer a quem tem fome, vestir o nu e mesmo assim não ser proveniente de um coração amoroso.

“Depende de como a obra é realizada” (KIERKEGAARD, 2013, p. 25)

Não há ninguém que possa dizer que forma incondicional a existência do amor, assim também como não pode provar sua ausência, sua inexistência. É mais uma vez: “sabe-se que o amor se dá a conhecer por seus frutos”<sup>33</sup>.

As palavras das sagradas escrituras, não foram escritas para serem usadas como um instrumento de julgamento, um fardo ou um manual do que pode-se ou não realizar, mas sim, para encorajar o homem, para ajudá-lo a produzir grandiosos frutos de eternidade, e que estes sejam reconhecidos por seus frutos.

“Pois o indivíduo não tem de se esforçar para o amor venha a ser reconhecido pelos frutos, e sim para que ele possa vir a ser reconhecido pelos frutos”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 29)

É necessário crer no amor, somente assim será capaz de reconhecê-lo no seu oculto e em suas manifestações, somente crendo nele conseguirá reconhecer e visualizar seus frutos.

“O semelhante só é conhecido pelo semelhante; só aquele que permanece no amor pode conhecer o amor do mesmo modo como seu amor deve ser conhecido”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 31)

## **VI. Primeiras considerações do Amor desinteressado.**

Com o tema: O Amor desinteressado; divide-se em alguns tópicos, como um amor que edifica, que tudo crê, que espera tudo, que não procura o que é seu, que permanece e que é misericórdia.

É necessário destacar que o filósofo faz comparações para reconhecer aquele que é amoroso e aquele que é demolidor, desconfiado, que são os dois tipos de pessoas, aquele que ama sem distinção, sem interesse e aquele que busca satisfazer suas vontades e sempre age por interesse e incredulidade na bondade e no amor.

---

<sup>33</sup> (KIERKEGAARD, 2013, p. 28)

Mas em todo momento ficará uma pergunta aberta, “o que seria o amor?”<sup>34</sup> Kierkegaard é breve ao buscar responder:

“O que é o amor?” Amor é pressupor amor; ter amor é pressupor amor nos outros; ser amoroso é pressupor que os outros sejam amorosos. (KIERKEGAARD, 2013, p. 254)

O filósofo enfatiza que o amor só pode ser respondido a partir das suas obras, que são os seus frutos e nada mais.

Kierkegaard diz que o homem amoroso é sagaz, é sábio, mas ao mesmo tempo é simples e quase invisível, pois o amoroso não precisa se mostrar e não necessita de holofotes, mas apenas de amar e crer que todos amam da mesma maneira.

Para um cérebro confuso, a existência é um elemento um tanto turvo: ora, nem o mar é tão transparente! Por isso, se alguém pode provar que não devemos crer em nada por causa da possibilidade do engano, então eu posso provar que devemos crer em tudo – por causa da possibilidade do engano. (KIERKEGAARD, 2013, p. 258)

O amor anda do lado contrário da desconfiança, porém se inicia no saber. Então podemos entender que o amor não é enganado, porque sabe da mesma maneira que qualquer um, inclusive da mesma maneira que a desconfiança sabe, porém o amor não é desconfiado. O Amor é desinteressado.

O amor desinteressado, a partir das “Obras do Amor”, será uma resposta de como identificar ou melhor dizendo, descrever exatamente o que é o amor: o filósofo dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard procura expor sobre amor, a partir de suas obras, um amor natural, não com base na paixão humana, mas na afetividade, mas ao mesmo tempo, não se sabe o porquê que o amor precisa se transformar em dever ou necessidade, ou até mesmo como um mandamento<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> O amor tem uma origem oculta, como aquela de uma fonte, mas dá à luz frutos que são bons antes de tudo para quem ama; eles o preservam da hipocrisia porque fazem com que ele se comprometa a produzir frutos efetivamente bons, independentemente do reconhecimento alheios. O amor quer frutos bons, não que simplesmente pareçam bons. ((REGINA; UMBERTO, 2017, p.135)

<sup>35</sup> Mandamento: referência as sagradas escrituras, o mandamento do amor. Nosso autor sabe perfeitamente que um mandamento que manda amar é algo paradoxal, mas tem de ser. (VALLS; ÁLVARO, 2013, p.7)

O Amor desinteressado é aquele que edifica<sup>36</sup>, e quando pensamos nesta palavra edificar, requer muito cuidado, assim é refletido pelo pensador. Edificar é construir a partir das fundações, mas não simplesmente construir como em uma construção civil, mas sim do interior, na profundidade.

Para melhor explicar sobre, o filósofo recorre a carta de Paulo a Coríntios<sup>37</sup> para explicar as “*determinações precisas sobre como o amor se comporta ao edificar*”; Paulo apóstolo expõe um “*amor que é paciente*”, “*amor que tudo suporta*”, que não guarda “*rancor*”, que “*não busca seu próprio interesse*”, que “*não se alegra com a injustiça*”, de um “*amor que tolera tudo*”, que “*espera tudo*” e que “*não se infla, ele não usa de precipitação, ele não se irrita*”. (1 coríntios 13, 1-13).

Como alguém que não tem interesse algum, por mais difícil que aparenta ser, existe, é o amor<sup>38</sup>, e assim ele é edificante, mas edificar não é simplesmente construir, já que qualquer um pode construir, a edificação é uma exclusividade do amor, somente dele.

A relação entre o ato de amor feito pelo indivíduo [singolo] existente, em um tempo totalmente determinado, e a eternidade é o fio condutor de toda a obra, e culmina com um sintagma, “*mudança da eternidade*”, que se apresenta formalmente como uma autocontradição, mas que não o é pela “*existência*”, pela qual todo momento visa a beatitude eterna, que o cristianismo não cessa de prometer em nome da eternidade. (REGINA; UMBERTO, 2017, p.133)

O filósofo também entra no tema do ateísmo, como aquele que não crê. Aquele que não crê em absolutamente em nada, se torna limitado, e querendo ou não, acaba acreditando no mal e por consequência se tendência ao mal, “*pois o bem é objeto da fé*”<sup>39</sup>.

Soren também irá falar sobre o indivíduo [singolo] desconfiado, que é o oposto do amoroso, que não possui o equilíbrio do saber, e que mancha o saber,

---

<sup>36</sup> Edificar é formada, em nossa língua, pelo termo bygge [construir] e pelo prefixo op [altura] sobre o qual recai a ênfase. Qualquer um que edifica, constrói; mas não basta construir para edificar. (VALLS; ÁLVARO, 2013, p.242)

<sup>37</sup> Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, citado no capítulo 13, versículos de 1 a 13, também titulado como “Hino à Caridade”.

<sup>38</sup> Se há amor, sempre acontece a “*mudança da eternidade*” (REGINA; UMBERTO, 2017, p.136)

<sup>39</sup> [...] nossa experiência terrena, providenciar ar e perspectivas na relação com o eterno. (VALLS; ÁLVARO, 2013, p.278)

O “*temor e tremor frente a Deus*” é condição e sinal da atenção do existente para a própria existência. (REGINA; UMBERTO, 2017, p.135)

e por não crer se torna mal, crendo que tudo é mal, se aproximando da inveja, da corrupção, da malícia que são consequências do mal.

O filósofo justifica que o amoroso, não quer nada para si, mas sempre para os outros:

O amor não é uma qualidade dada por ela mesma, mas uma qualidade pela qual (ou na qual) tu és para outros. Na conversão diária, decerto, ao enumerar as qualidades de alguém, dizemos que ele é sábio, razoável, amoroso – e não notamos a diferença que separa esta última qualidade das precedentes. (KIERKEGAARD, 2013, p. 255)

E considerando a primeira epístola de Paulo aos Coríntios, que nos discursos de Kierkegaard diversas vezes é citado “*Fiz-me tudo para todos*”<sup>40</sup>. Como aquele que participa na “*mudança de eternidade*”, que acredita, coloca confiança no próximo e busca caminhos baseados nas obras do verdadeiro bem comum, amor cristão [*ágape*].

As obras do verdadeiro amor só são promovidas pelos crentes, aqueles que são capazes de acreditar, de crer no que transcende, no singolo (indivíduo), no próximo (humanidade), no mundo.

Em As obras do Amor, Deus é por isso indicado pela expressão *Mellembestemmelse* (literalmente; a “determinação que está no meio”). Deus realmente está no meio, entre os polos de cada relacionamento humano verdadeiro, exatamente porque só se pode relacionar-se com ele sem medida em que ele transcende de forma irreduzível tudo que está em relacionamento com ele. (REGINA; UMBERTO, 2017, p.140)

Por fim, ou melhor por começo, será apresentado alguns discursos da segunda série *As obras do amor*, longe de conseguir descrever todas elas, seria quase que impossível, porque grandiosas são todas “*as obras do amor*”, deste mesmo amor que não é conceituado com definição, mas desenhado nos seus atos e ações que são promovidos pelos que crêem e amam verdadeiramente e que buscam a partir do desinteresse a promoção do amor<sup>41</sup> cristão.

---

<sup>40</sup> (I Coríntios 9, 19).

<sup>41</sup> Fazei tudo no amor. (VALLS; ÁLVARO, 2013, p.244)

[...] cada ser humano, pela sua vida, por seu comportamento, sua conduta diária, seu trato com seus iguais, suas palavras e suas expressões, deveria e poderia edificar, e o faria se o amor estivesse realmente presente nele. (VALLS; ÁLVARO, 2013, p.244)

### **3. O AMOR DESINTERESSADO**

#### **I. Objetivos do capítulo**

Notamos que o amor e suas obras não podem ser descritos, mesmo se usássemos as mais belas, puras e sagradas palavras, pois o amor não tem um significado. Neste capítulo iremos dar continuidade sobre os discursos do amor, e refletiremos o amor que edifica, que crê em tudo, tudo suporta, tudo espera e é misericórdia.

Neste capítulo também iremos refletir este amor que é desinteresse, que não pensa no próprio eu, mas sempre no outro, não na alegria própria, mas na felicidade completa de todos, que se preocupa com o bem comum, mesmo quando é injustiçado ou aproveitado, mas um desinteresse que o único interesse é de amar sem medida.

#### **II. Construir e Edificar**

O ser humano em todos os seus discursos, independente de qual seja, mesmo nos livros sagrados é sempre um discurso transposto, ou seja, é um relato, conta-se de forma indireta um acontecimento passado.

Todos desde o nascimento possuem seu próprio espírito, porém, a consciência da existência dele, só vem aparecer no futuro, após a experiência com os sentidos e a alma.

Como o espírito é invisível, assim também sua linguagem é um segredo, e o segredo consiste justamente em que se uso o mesmo vocabulário da criança e da gente simples. (KIERKEGAARD, 2013, p. 241)

Mais uma vez é necessário destacar, que assim como o amor, a manifestação do espírito é na simplicidade, não nas palavras bonitas ou em grandes discursos, mas no silenciar das obras e das ações.

A essência do espírito está no segredo calmo e sussurrante da transposição, para quem tem ouvidos para ouvir. (KIERKEGAARD, 2013, p. 241)

Assim as sagradas escrituras usam de uma palavra simples: edificar, empregada frequentemente na transposição de forma inovadora, seguindo a natureza do espírito renovando o emprego da mesma palavra.

A palavra “edificar” vem do termo bygge [construir] e pelo prefixo op [em altura]. Então pode-se dizer que todo aquele que edifica constrói e, todo aquele que constrói edifica, mas não, a palavra edificar não pode ser empregada da mesma forma que a palavra construir.

Se um homem constrói uma pequena casa, mesmo bem baixinha, mas sobre fundações, dizemos que ele edifica uma casa. Edificar, é então construir para o alto a partir de fundações. (KIERKEGAARD, 2013, p. 242)

Então pode-se chegar à conclusão de que edificar é construir sobre fundações, quando se fala em altura, crescer em altura, se fala na questão da profundidade, independentemente do tamanho, mas quando sobre fundações, em profundidade se é construído, então, é edificado.

Dentro das sagradas escrituras, no capítulo 6 de Lucas especificamente no versículo 48, o evangelista nos diz:

Assemelha-se ao homem que, ao construir uma casa, cavou, aprofundou e lançou o alicerce sobre a rocha. Veio a enchente, a torrente deu contra essa casa, mas não a pôde abalar, porque estava bem construída.<sup>42</sup> (Lucas 6, 48)

A pequena perícopie refere-se àquele que escuta a palavra e a coloca em prática, constrói sobre fundações profundas, mesmo diante de um forte vendaval não é capaz de derrubar a fortaleza daquele que é edificado.

### **III. O Amor que edifica**

Como bem visto, o amor não busca interesses próprios, mas está sempre disposto a construir caminhos e pontes em direção ao bem comum, está sempre disposto a compartilhar, portanto o edificar é uma qualidade exclusiva do amor.

---

<sup>42</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

Na linguagem não há nenhuma palavra que seja edificante, porém há palavras que edificam, e onde há edificação, há amor. Kierkegaard vai colocar o ato de edificar como sinônimo de amor. Portanto edificar é amar, e amar é edificar. O amor está presente na edificação.

Todo ser humano se em todas as suas obras, ações mais simples do dia a dia ousasse às fazê-las com amor, seria um ato de edificar, mesmo no trato com o próximo ou nas palavras, quando o amor presente e verdadeiramente está, se pode edificar.

Tudo pode ser edificante, exatamente como o amor pode estar presente em todos os lugares. (KIERKEGAARD, 2013, p. 244)

Portanto o amor acompanha o edificante, assim como o edificante carrega consigo o amor, pois um está empregado no outro, “o amor é a fundação”<sup>43</sup>. É o amor que sustenta o edifício, que dá a sustância necessária para a construção, para a edificação, o amor é a base, a fonte, ou seja, o fundamento.

Edificar, é edificar amor, e é o amor que edifica. (KIERKEGAARD, 2013, p. 247)

A obra do amor que edifica é da pressuposição, aquele que não guarda para si o amor que tem, mas compartilha, constrói relações (edifica) e pressupõe amor em tudo e em todos. Mas pressupõe amorosamente, pois suas fundações estão no amor, é apenas o amoroso que é capaz de pressupor o amor em outras pessoas.

“A caridade<sup>44</sup> é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente”.<sup>45</sup> (1 Coríntios 13, 4)

Esta caridade apresentada pelo apóstolo Paulo nada mais é que o amor, este amor que não pode ser escrito por belos poemas, mas um amor que brota da profundidade, que não vive para si próprio, mas sua essência é sempre para

---

<sup>43</sup> “Pois, espiritualmente, amor é a fundação, e edificar é construir a partir da fundação”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 247)

<sup>44</sup> “A caridade é descrita por uma série de quinze verbos. É caracterizada não de maneira abstrata, mas pelo comportamento que ela suscita”. (BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002)

<sup>45</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

o outro. Um amor que está sempre a avançar, que faz edificar, e este amor nasce do ser humano a partir de sua fonte, que é Deus.

“É Deus, o Criador, que deve implantar amor em cada ser humano, Ele, que é o amor em pessoa”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 248)

O amoroso quando pressupõe amor em uma outra pessoa, ele edifica naquela pessoa o amor a partir do seu fundamento. E o mais interessante, é que tudo isso acontece de forma velada, no silêncio, na sutileza ou melhor dizendo, na normalidade. Já que o amor nada ostenta, mas sempre se doa.

“Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita. Não guarda rancor”.<sup>46</sup> (1 Coríntios 13,5)

Kierkegaard diz que o amor passa sempre despercebido, que ele trabalha, que ele desenvolve suas ações, como se não fizesse nada. Pois ele não precisa de holofotes, de admiração, mas apenas de despercebido seu papel, que é amor e pressupor amor.

“Pois é mais difícil dominar o seu ânimo do que capturar uma cidade, e mais difícil edificar, como o amor faz, do que executar a mais incrível das obras”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 248)

O amoroso é aquele que ama muito, e quanto mas se ama, mais pressupõe amor nas outras pessoas, e quanto mais pressupõe a presença do amor, mais perfeito é o amor que é cultivado.

O amor é como uma semente, que germina quando é cultivada, mesmo quase não podendo ver o resultado de um dia para o outro, quando cultivada, ele está se desenvolvendo dia e noite, mesmo no oculto da terra.

E se há o que edifica, também o que demoli, portanto o “*contrário de edificar é demolir*”<sup>47</sup>. Somente o homem que é preso aos sentidos se satisfaz com o demolir. O amoroso se enche de satisfação na ação do edificar, pois é repleto de amor, é dominado pelo amor.

---

<sup>46</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

<sup>47</sup> (KIERKEGAARD, 2013, p. 251)

#### IV. Amor que é paciente

A arte de edificar é muito difícil, pois trata-se de muita renúncia dos próprios desejos e prazeres pessoais, para uma abertura muito maior para o ato de edificar, de pressupor amor, de amar. Mas como o amor se comporta no edificar?

“A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta”.<sup>48</sup> (1Coríntios 13, 4)

Essa caridade que é falada na primeira epístola de Paulo a comunidade de Corinto é o amor, portanto, “*o amor é paciente*” (1 Cor 13,4), e através desta paciência é que pressupõe que o amor esteja presente nas fundações.

No ato do demolidor de negar a pressupor amor nas demais pessoas, ele quebra a paciência, ele nega a presença do amor nas fundações e automaticamente ele retira de suas fundações o amor, sendo assim, ele não pode edificar.

“Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor”.<sup>49</sup> (1Coríntios 13, 5)

Mas o amor que edifica, é pela paciência, essa que pressupõe o amor em tudo e em todos, e por isso ela é “*prestativa, não é invejosa e não ostenta*” (1 cor 13,4), pois estes são atos que negam o amor nas outras pessoas, já que não são capazes de pressupor o amor, assim se corrompendo, cada vez mais.

“Aquele que ama e não tem inveja nem rancor carrega os fardos de outrem. Cada um carrega o seu fardo, o invejoso e o amoroso; ambos são num certo sentido mártires<sup>50</sup>”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 251 - 252)

Este amor que edifica é o amor que não busca seu próprio interesse, mas que é desinteressado por natureza, aquele que age e vive por seu interesse

<sup>48</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

<sup>49</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

<sup>50</sup> Mártires são aqueles homens e mulheres que deram sua vida por Jesus Cristo, que morreram por causa de sua fé, através de uma morte tortuosa. Tiveram seu sangue derramado por conta da sua fé.

próprio é aquele que demoli, pois precisa deste ato para dar lugar e espaço para seus interesses pessoais. Mas o amor desinteressado, edificante “*ele não se alegra com a injustiça*” (1 cor 13,6).

“Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.<sup>51</sup> (1Coríntios 13, 6-7)

Aquele que quer demolir ele anda de lado oposto a tudo isto, pois ele busca seu próprio e único interesse, sendo assim, é capaz de fazer de tudo, se alegrando com a injustiça, não pressupondo o amor, sendo desconfiado, sendo incrédulo, não esperando e suportando a ninguém.

“A desconfiança arranca fora as fundações, ao pressupor que o amor não está presente; por isso a desconfiança não consegue edificar”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 252)

O amor edificante, tudo crê, pois crer faz parte do seu cerne de pressupor em todos o amor, mesmo naqueles que aparentemente não parecem ter, ele é capaz de pressupor, pois faz parte de si mesmo, e não do outro.

O amor que espera tudo, é o que pressupõe que o amor esteja nas fundações, que mesmo que aquele que desviou-se do caminho, ele acredita e espera que ainda será manifestado nele este amor. Acredita que o amor esteja no mais profundo do ser humano, mesmo quando tudo parece dizer o contrário.

E este amor que pressupõe sua presença nas fundações, é o mesmo que suporta tudo, e na paciência se infla e pressupõe sua presença no outro a todo momento. O filósofo vai usar o exemplo da mãe que suporta todas as malcriações de seus filhos, por amor, e espera pacificamente, silenciosamente que o amor esteja presente.

O amor é esperançoso, é paciente, não é irritado, não é precipitado, mas ele vive pressupondo que o amor está sempre presente nas fundações, nos fundamentos; “*É assim que o amor edifica*”<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

<sup>52</sup> (KIERKEGAARD, 2013, p. 252)

Existem diversas visões que alegram os homens, visões que encantam, embelezam, surpreendem, mas só existe uma visão capaz de edificar: “*ver o amor edificar*”<sup>53</sup>.

## V. O Amor tudo crê

O amor é a base, são as fundações de tudo e pressupor amor em tudo, é ação do amoroso, de alguém que edifica, e somente o amoroso edifica, e esse amor que edifica, tudo crê e jamais é enganado.

“Agora, portanto, permanecem a fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade”.<sup>54</sup> (1 Coríntios 13, 13)

Esta caridade é o amor, este é o maior de todos os dons, a fundação de todas as coisas, o que sustenta. O amor entre todas as coisas é o mais perfeito, a ponto de estar à frente da fé e da esperança, pois, o amor carrega elas e as deixa ainda mais perfeitas.

O amoroso é aquele que pressupõe amor nas outras pessoas, aquele que crê em tudo, mas nem todo aquele que crê em tudo é amoroso, e nem todo aquele que crê em tudo está livre do engano. Mas a diferenciação está no amor empregado naquele que em tudo crê e jamais é enganado.

“[...] tanto se pode dizer que o amor crê em tudo, como dizer que ele jamais é enganado, já que se trata de uma única e mesma coisa”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 257)

Ao contrário do amor, a desconfiança não crê em absolutamente em nada, ela acredita que o mais perspicaz é não crer em nada, que assim é ser mais prudente, mas o amor não, o amor ensinará que é preciso crer, sem medo da ilusão, da inteligência, do engano, pois o amor jamais é iludido, jamais é enganado.

---

<sup>53</sup> “Medita simplesmente como o amor edifica, e estarás edificado para viver!” (KIERKEGAARD, 2013, p. 253)

<sup>54</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

A desconfiança mesmo ornado com toda sua experiência, esperteza e grandeza não passa-se de um abuso do saber, nada mais. O amor, por outro lado, ensina que para crer não é necessário a virtude do saber, vai muito mais além da ciência ou da inteligência humana.

“Quando então o engano e a verdade se colocam no equilíbrio das possibilidades diametralmente opostas, a decisão é a seguinte: saber se há em ti desconfiança ou amor”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 259)

O filósofo vai dizer que o amor é o oposto da desconfiança, apesar de partir do mesmo saber, ou seja, ambos partem e usam do saber, pois o saber não tem lado, é indiferente, mas o amor diferentemente da desconfiança, não precisa do saber para crer, pois ele crê em tudo por amor e assim jamais é iludido.

Para o desconfiado não pode-se crer em tudo, pois assim a possibilidade de ser enganado é muito grande, então vive na descrença e desconfiança em tudo; ao contrário o amoroso, crê em tudo, pois, somente crendo em tudo não será enganado, pois o amor “*espera tudo, e tudo suporta*” (1 cor 13, 7).

“[...] o amor sabe tanto quanto qualquer um, ciente de tudo aquilo que a desconfiança sabe, mas sem ser desconfiado; ele sabe tudo o que a experiência sabe”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 260)

O homem carrega em si muita coisa oculta, cada um, no seu íntimo carrega uma infinidade de coisas que mantém às escondidas dos demais, muitas delas ocultas até dos mais próximos e íntimos. Sendo assim, é muito complexo o entendimento do ser humano, de um entender o outro por completo.

E assim como o mistério que cada ser humano carrega dentro de si, é também sua particularidade e diferença entre os demais, cada um é um, é essa diferença é imensa; Kierkegaard vai nos dizer que:

“Se não fosse assim, o homem seria degradado; pois a vantagem do homem sobre o animal não consiste apenas em suas características humanas universais, frequentemente mencionadas, mas também no fato, frequentemente esquecido, de que no interior da geração cada indivíduo é essencialmente diferente ou peculiar”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 260)

E é essa que o filósofo vai dizer que é a *vantagem* do homem perante os animais, é o que os difere e é o que faz a existência da relação com o transcendente, com Deus. Essa relação nasce no interior e não no exterior, como por exemplo, os pagãos, que podem ter uma vida fácil, sem preocupações, oca, sem esforços pessoais necessários.

“[...] justamente nos mais árduos conflitos da incompreensão infinita, desenvolve a relação que um homem mantém com Deus”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 261)

O saber não pertence a ninguém, nem ao amor e nem a desconfiança, sendo assim, o saber não é desconfiança e também não é amor, o saber é imparcial, é indiferente, mas o saber é o que ambos possuem em comum, mas nem o amoroso é como o desconfiado é amoroso ou desconfiado por conta do saber.

“Apenas os espíritos muito confusos e com pouca experiência acham que podem julgar outra pessoa graças ao saber”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 263)

Aquele que é amoroso sempre tem medo de fazer o julgamento errado, por isso ele não julga, mas sempre acredita, crê, mesmo correndo o risco de ser enganado, mas como já foi dito: “*o amor jamais é iludido*”<sup>55</sup> (1 cor 13, 7).

Soren vai dizer, que o saber não mancha as coisas, mas sim a desconfiança, a desconfiança é capaz de manchar o saber, porém o amor, sua presença é capaz de purificar.

Crer em tudo é capacidade daquele que ama, e por isso não é iludido, enganado, pois ele não crê por algum interesse, mas crê pelo amor, ele não ama por algum interesse, mas ama pelo amor, suas obras são pelo amor, e não pelo interesse, e por isso jamais é iludido, pois não se limita, o sentido não muda, que nada mais é que crer e amar.

“A desconfiança não consegue manter o saber em equilíbrio: ela mancha seu saber, e por isso se aproxima da inveja, da malícia,

---

<sup>55</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

da corrupção, que creem que tudo é mau”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 265)

Porém há aqueles que acreditam que a melhor maneira de não ser iludido e enganado é não crendo em nada, simplesmente assim, mas aí Kierkegaard vai dizer que não crer em nada não é o remédio, mas o limite, quem não crê em nada acaba por fim crendo no mal, pois o bem é objeto pessoal da fé e daquele que acredita e ama de verdade.

Portanto o amor tudo crê, pois faz parte de sua essência, é sua felicidade, aquele que errou por acreditar demais no bem, por fim não errou, pois não se erra acreditando no bem. A um único caminho para não ser enganado, é sempre “*crer em tudo por amor*” (2013, p. 267).

## **VI. O Amor espera tudo e jamais é iludido**

Aquele que em nada crê, de uma certa maneira se protege do engano, pois como pode enganar alguém que crê em nada; porém aquele que ama está à mercê de todos, pois amorosamente crê em tudo, e acaba se tornando uma presa fácil para o enganador, mas é por crer amorosamente em tudo que ele está resguardado da ilusão.

“Não, só há um caminho para preservar-se de jamais ser enganado, é crer em tudo por amor”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 267)

Kierkegaard ainda dirá que é impossível enganar a Deus, o mínimo o ser humano engana-se. O filósofo apresenta o exemplo da criança diante dos seus pais, a criança pode tentar enganar e pode acreditar que conseguiu, mas na realidade, ela foi enganada, não passou de uma mera ilusão.

“A superioridade verdadeira jamais pode ser enganada, desde que seja fiel a si própria. Mas o amor verdadeiro é absolutamente superior a tudo o que não é amor”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 268)

Assim como os pais são superiores a seus filhos, aos pequenos, assim também é a superioridade do amor, ser enganado portanto, é “*deixar de amar*”

(2013, p. 269). O amor não busca nada em troca, ele é autossuficiente, o seu único desejo é de amar, é de edificar, é acreditar, é de esperar, e tudo de forma gratuita, sem troca, sem resposta, sem permuta.

O amoroso é aquele que ama sem distinção, ama a todos, está disposto a amar, porém há também aqueles que amam um ou outro, ou uma pessoa específica, mas no afinal não são amorosos, mas sim apaixonados, que no fundo mesmo, só são apaixonados por si mesmos, e por fim um enganado, um iludido.

“Ao que ama verdadeiramente, ao que crê em tudo, não se pode enganar, pois enganá-lo é enganar a si próprio. Em que consiste, com efeito, o bem supremo e a maior felicidade? Por certo, em amar de verdade; depois disso, em ser amado de verdade”.  
(KIERKEGAARD, 2013, p. 271)

Ai consiste toda beleza e riqueza, quanto mais o amoroso se desprende da desconfiança e do medo de amar desinteressadamente, mais belo e rico ele se torna. E é esse amor que é o bem supremo que resulta na felicidade maior e verdadeira.

O amoroso trabalha lentamente no silêncio, quase não é visto, como uma planta que cresce no silêncio, aos poucos, às escondidas, que é cultivada com água e todos os nutrientes pela natureza, de forma muito simples, assim também é o amoroso que no silêncio de Deus, é alimentado dia e noite, as escondidas.

Por fim destaca-se que o amoroso muitas vezes é visto por sua aparência, através do que parece-se, mas é aí que está sua grandeza, no amor desinteressado, tornando-se uma pessoa ilimitada, potente, grandiosa, mesmo no silêncio.

“Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais passará, Quanto às profecias desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão. Quanto à ciência também desaparecerá”.<sup>56</sup> (1 Coríntios 13, 7-8)

O amor que tudo espera, remete ao verbo esperar, que é aquele que tem esperança, portanto é aquele que *“espera sempre”*<sup>57</sup> (1 cor 13, 7). A caridade,

<sup>56</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

<sup>57</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

que é o amor, é maior que tudo, é maior que a fé e que a esperança, assim ele se encarrega dessas obras, por isso o amor tudo espera.

O amoroso sempre a espera, e esta espera é sempre pelo melhor, pelo bem, o bem do próximo, o bem do pressupor amor, do amor que edifica, que suporta tudo, que jamais é iludido e jamais é envergonhado, que é silencioso. O amoroso traz consigo a obra da esperança, que é mais um fruto da árvore do amor.

## **VII. A Misericórdia**

A obra da misericórdia, fruto da árvore do amor, fruto que pode ser gerado mesmo quando não pode ser dado nada, quando não se consegue fazer nada. Como tudo isso pode acontecer? É simples a respostas:

“Não esqueçais de fazer o bem e de compartilhar”.  
(KIERKEGAARD, 2013, p. 355)

O Cristianismo fala de amor, de amor que é doação, doação de um Deus que se fez homem e entregou sua vida pela salvação de toda humanidade, portanto de um Deus amoroso, de um amor desinteressado, sendo assim, o cristianismo abrange a misericórdia.

Kierkegaard enfatiza a situação do cristianismo imagem, que prega uma religião que deveria falar de misericórdia, porém fala de generosidade, aparentemente parece a mesma coisa, mas não. A generosidade é abrir mão de alguma coisa, a misericórdia é ser capaz de abrir mão de tudo.

O filósofo como um grande crítico da Igreja Dinamarquesa Nacional de sua época, vai falar do cristianismo em essência, aquele que não busca o chamado clericalismo, que é o carreirismo, ou o pedido excessivo de doações, mas sim do cristianismo fruto do amor doação, da misericórdia.

É pregado muito sobre o quão generoso deve-se ser, o quanto é necessário colaborar com as causas do reino, aqueles que muito possuem, doam grandes valores, mas aqueles que nada possuem, que tanto carecem,

como contribuem para esses pedidos? Um grande questionamento colocado pelo filósofo.

“Porém só se ouve pregar e pregar, num tom mundanamente clerical e clericalmente mundano, sobre a liberalidade e as benfeitorias- mas esquece-se até os textos das pregações, da misericórdia”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 355)

A pregação do cristianismo deve basear-se na misericórdia, este deve ser o “*único tema de pregação*” (2013, p.356). Como ser misericordioso quando não se tem nada? Para o rico é fácil falar em generosidade, mas e para o pobre?

O Filósofo cita a presença do pobre, daquele que menos tem, como contribuir em igualdade com aquele que mais tem, pois então é visto, que a contribuição não está no valor financeiro, na generosidade do dinheiro, mas sim, no como e o que é entregue.

A misericórdia não está ligada aos fatores externos, mas sim no interno, no amor doação, já diz Soren: “*a misericórdia não tem nada a dar*” (2013, p.357). O que o homem carrega no seu coração, é o amor, este amor que gera misericórdia.

O homem pode não ter nada, mas mesmo assim, agir com misericórdia, seja na sua pregação, sendo acolhedor e encorajador com aquele que tanto necessita, com o pobre, este faz tanto quanto aquele que consegue contribuir com um valor financeiro, ou dando de comer aquele que tem fome.

“Pode ser misericordioso sem possuir a mínima coisa para dar. E isso é a grande importância, uma vez afinal de contas poder ser misericordioso é uma perfeição muito maior do que possuir dinheiro e conseqüentemente poder dá-lo”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 358)

O Filósofo recorda a parábola<sup>58</sup> da viúva<sup>59</sup> que depositou duas moedas no templo, a viúva como o símbolo da pobreza, aquela que nada tinha depositou todo seu tesouro, mesmo tão pouco em comparação com as grandiosas ofertas

---

<sup>58</sup> Parábola é uma narrativa alegórica, com o intuito de transmitir uma ideia, uma mensagem reflexiva por trás.

<sup>59</sup> Marcos 12, 41-44 BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

dos ricos, mas em comparação entre um e outro, é que a viúva deu o seu tudo, a totalidade, sem pensar no depois, doou de coração.

Mais uma vez o filósofo destaca que para o amor o que prevalece é a doação sincera, de coração, e a misericórdia como fruto, não é diferente, ainda mais, a misericórdia não tem ligação nenhuma com o dinheiro. A ação da viúva não foi misericordiosa por conta das duas moedas depositadas, mas sim, pelo seu ato desinteressado de si mesmo, de se colocar inteira, de se doar por completo.

Parece uma loucura quando falamos que a pobre viúva foi capaz de doar muito mais do que os ricos com suas grandiosas doações, sim, para o amor esta lógica financeira de nada vale, para o cristianismo o que vale são os atos, e não a quantidade.

Mais uma vez, o filósofo critica a religião predominante de seu país, a mesma que ele foi educado e que conheceu por experiência, mas a que carecia de verdade do evangelho e de retornar a essência cristã.

“Oh, a misericórdia, se verdadeiramente a vês, não desperta espanto, ela te comove, e justamente porque ela é a interioridade, ela produz sobre ti a mais profunda impressão”.  
(KIERKEGAARD, 2013, p. 371)

As obras do amor não podem ser vistas no exterior, visto que o amor trabalha no silêncio e na obscuridade, mas é na interioridade do coração amoroso, desinteressado, comprometido e terno. A misericórdia não é barulhenta, mas é mansa, não tem aparência, às vezes até insignificante, mas tem resistência e é fruto da árvore do amor.

## CONCLUSÃO

Do amor muito se é falado e discursado; todos querem ser amados; muitos dizem eu te amo, de muitos modos, de diversas maneiras; o amor parece até uma palavra vazia que saí como um bom dia ou um boa noite. Mas o amor como visto é muito maior que tudo isso, ele vai além das fronteiras da compreensão humana, leva a transcendência e a eternidade.

O amor chega a ser impossível de ganhar um significa simples, pois não existe palavra alguma para isso; o amor desinteressado tanto escrito ultrapassa as razões da inteligência humana e do saber, utiliza deles, mas não pertence a eles. O amor só pode ser descrito através dos seus frutos, no qual chamamos de obras.

As obras do amor é o caminho feito por aqueles que buscam o além da vida terrena, que buscam um viver mais florido, sem aprisionamentos e cadeias, mas vivido na liberdade do saber e do sentir.

“Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus”.<sup>60</sup> (1 João 4, 7)

O amor e suas obras não são objetos de pertença, mas sim resultado de corações e vidas fundamentadas na rocha firme do amor, este que é sinônimo de caridade, que é doação, que é entrega, que é desinteressado por natureza.

O evangelista João dita o mandamento do amor, mandamento que não é obrigação, mas sim uma condição de todos aqueles que buscam o bem, daqueles que conhecem a Deus, que é fonte do amor inesgotável.

Este amor ultrapassa os interesses pessoais, a ganância, a luxúria, a inveja, o ciúmes e a soberba, e tem como resultado a entrega, o crer, a confiança, a liberdade, a justiça e a verdade.

---

<sup>60</sup> BÍBLIA, Bíblia de Jerusalém. São Paulo – 2002.

É muito maior do que o discurso lido, das sabias palavras que muitas vezes encantam; mas está presente na forma como é escrito ou muitas vezes nem escritos, mas nas belas ações ou ainda mais, nas mais simples ações, como no cuidado e carinho ocultado nas delicadezas do ser humano no seu cotidiano com seu próximo.

O Amor está na proximidade, já que é impossível um amoroso viver sozinho, viver isolado. O amoroso vive pelo outro, crê em tudo e está sempre a edificar, muitas vezes no gosto amargo do fruto que é saudável, que muitas vezes é trocado pelo fruto delicioso que é enganador e venenoso para homem, mas mesmo assim não se cansa, não se infla, mas tudo espera e suporta.

“E ainda que tu não a visses, nem ninguém a visse, Deus a vê”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 427)

O amoroso não está atrás ou a espera de ser reconhecido, visto ou de holofotes e famas, mas sim de viver de forma plena, como exige o cristianismo verdadeiro, aquele do início, que prega a verdade da caridade e do amor ao próximo, da entrega verdadeira de um coração restaurado, transformado pelo amor primeiro daquele que amou de forma desinteressada e abundante.

Os discursos das diferentes vertentes do cristianismo se perderam durante o passar dos séculos e da história da humanidade, o cristianismo excêntrico está nas obras do mais puro amor, da plenitude e da perfeição. É preciso sim ser um crítico e buscar a raiz da verdade e do amor, que gera fé e esperança.

No “hino da caridade”<sup>61</sup> o caminho é apontado de forma plena, simples e sem rodeios, sem muitas objeções. Em um mundo pós Pandemia do COVID-19, necessita de pessoas verdadeiramente amorosas, capazes de construir um futuro saudável e justo. Homens e mulheres que são capazes de edificar um mundo mais unido, fraterno, edificado pelo amor desinteressado. Um mundo onde todos possuem seu espaço, sua liberdade e igualdade necessária.

---

<sup>61</sup> (1 Coríntios 13, 1-13).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Primária

KIERKEGAARD Søren Aabye, **As Obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discurso**. Editora Vozes, 4º Edição, 2013.

GARDINER Patrick, **Kierkegaard**. Mestres do Pensar, Mestres do Pensar. Edições Loyola, 2º Edição, São Paulo, 2010.

LE BLANC Charles, **Kierkegaard**, Figuras do Saber. Editora Estação Liberdade, 1º Edição, São Paulo, 2003.

### Secundária

REGINA, Umberto. **Kierkegaard**; tradução de Alessandra Siedschlag. – São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

BACKHOUSE, Stephen. **Kierkegaard: uma vida extraordinária**; tradução de Nírio de Jesus Moraes. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

### Terciária

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo, 2002.

